AGONIZANTE MATA ATLÂNTICA

O sinistro som de um tiro ecoa no grotão da mata, seguido de um breve silêncio que parece um tributo àquele que se foi.

O ritmado entoar do machado de um cretino, nos dá certeza do breve tombamento de mais uma vida.

O estridente gemido de uma motoserra ao longe, arrepia nossa alma, por saber que mais uma frondosa árvore se vai.

O ranger dos tratores dá-nos calafrios de saber que belíssimos recantos selvagens estão sendo destroçados e vidas ceifar-se-ão aos milhares, em pouco tempo, para dar lugar a ruidosas estradas e fétidas cidades, tudo em prol do "desenvolvimento".

RESTAM APENAS:

Da majestosa onça, a pele na parede e estórias de covardes caçadores,

Do berreiro da araponga, a vaga lembrança,

Da coreografia dos tangarás dançarinos a imagem de alegres momentos,

Da grande figueira a lembrança da exuberante vegetação, mostrando a arte inigualável da mãe natureza.

Da fantástica floresta atlântica que deslumbrou os descobridores aventureiros do século XVI, que cobria quase toda a franja leste e sul do Brasil, restam apenas 6%, que cobrem timidamente algumas partes da área original, e continua em acelerado processo de destruição.

A ganância dos inescrupulosos desafia as leis, a mata é continuadamente destruída, o palmito retirado clandestinamente e, assim, uma das mais exuberantes e fantásticas florestas do mundo vai se esvaindo.

Se não se intensificar o fortalecimento da fiscalização, dos mecanismos de proteção, juntamente com uma campanha de conscientização, da Floresta Atlântica restará apenas suas imagens em nosso patrimônio mnemônico e em nossos ouvidos o lúgubre lamuriar do regougar do Urutau, parecendo prever o funeral desta esplêndida floresta.

ANTONIO SILVEIRA RIBEIRO DOS SANTOS
Criador do Programa Ambiental: A Última Arca de Noé
(www.aultimaarcadenoe.com.br)

Obs: original mais completo publicado pelo autor no Diadema Jornal,SP, em 15/3/1998.